

IDEIAS LLYC

EXPLORAR. INSPIRAR.

#!&

ARTIGO

OS 100 PRIMEIROS DIAS DO GOVERNO BOLSONARO

São Paulo, 11 de abril de 2019

INTRODUÇÃO

Embora tenha obtido pequenas vitórias na área econômica, o presidente Jair Bolsonaro chega aos 100 dias de governo com sinais de dificuldade na articulação política, perda de popularidade, disputas internas, demissão de dois ministros, polêmicas e a recorrência, cada vez maior, das redes sociais para se comunicar. A aprovação da Reforma da Previdência desponta como sua maior aposta para tentar mudar esse enredo.

A conhecida “lua-de-mel” com a população, que todo governante eleito com votação expressiva consegue estabelecer no início de seu mandato, pode ser mais curta do que o esperado no caso de Bolsonaro. Muitos críticos veem como principal problema para este início de governo justamente as demonstrações de falta de habilidade política do presidente, a ponto de colocarem em dúvida o êxito de sua principal missão imediata: conseguir o apoio do Congresso para mudar a Constituição e promover a Reforma Previdenciária, sem a qual o próprio governo diz que o país pode quebrar em alguns anos.

Um bom termômetro do desempenho do governo Bolsonaro em seu trimestre está no humor do mercado financeiro. Mesmo com polêmicas e atropelos na comunicação do governo e em alguns ministérios, o presidente contou inicialmente com relativo otimismo e o beneplácito dos investidores e empresários, porque havia a perspectiva clara de que

“A conhecida “lua-de-mel” com a população, que todo governante eleito com votação expressiva consegue estabelecer no início de seu mandato, pode ser mais curta do que o esperado no caso de Bolsonaro”

a Reforma da Previdência seguia como prioridade na agenda presidencial, capitaneada pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, que goza de boa reputação entre os agentes econômicos. Nesse

embalo, a Bolsa de Valores chegou a registrar, no mês de março, o maior nível da história em seu principal índice de ações. Mas a euforia não durou muito.

Dias depois, o governo Bolsonaro inaugurou sua primeira crise com o Congresso Nacional, responsável por aprovar as principais medidas necessárias para o avanço da agenda econômica do país. O maior atrito surgiu na relação com o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, do DEM - partido de perfil liberal e conservador, mas que não integra a base de apoio do governo, embora tenha três ministros afiliados à legenda do governo, que protagonizou, junto com Bolsonaro, uma troca pública de ataques verbais, na qual apontava falta de empenho do governo em negociar os pontos da Reforma com os congressistas. Maia chegou a dizer que o presidente da República estava “brincando de governar o Brasil” e que deveria dedicar mais tempo às reformas e menos ao seu Twitter. Bolsonaro e sua rede de mobilizadores nas redes sociais, liderada por seus filhos (Carlos, Eduardo e Flávio Bolsonaro) não deixaram por menos, com revides e acusações de que o Congresso quer contrapartidas para aprovar a reforma, no que o associaram ao conceito de “velha política brasileira”.

Ocorre que, até por questões constitucionais, o Brasil se estrutura dentro de um sistema de presidencialismo de coalização, que pressupõe que o Executivo construa uma base de sustentação no Legislativo para colocar sua agenda governamental em prática. Uma das principais incógnitas sobre Bolsonaro é como irá se ajustar às estruturas do modelo político brasileiro para governar, já que foi eleito com uma promessa de campanha de que não iria seguir o receituário existente e de que não iria promover indicações políticas a cargos. Soma-se a isso um outro fator: seu estilo pessoal, pois muitos críticos não veem nele os traços de um governante conciliador e negociador.

Por isso, Bolsonaro ainda não sabe com quantos votos pode contar no Congresso Nacional, responsável por analisar e votar não só a Previdência Social, mas também uma nova legislação anticrime. Ambas as propostas caminharam num ritmo mais lento do que o previsto inicialmente pelo governo. Nem mesmo



o PSL, partido pelo qual Bolsonaro se elegeu, está 100% fechado com as mudanças previdenciárias, principal proposta econômica já enviada até agora ao Legislativo.

Embora os partidos de oposição a Bolsonaro na Câmara sejam minoria, com cerca de 180 integrantes, ainda é incerto se o governo vai conseguir organizar a atuação da base governista, entre 230 e 240 deputados, pela Reforma da Previdência, especialmente porque a reforma envolve propostas consideradas impopulares. O projeto de lei que altera a aposentadoria dos militares enviado ao Congresso por Bolsonaro (capitão reformado do Exército), por exemplo, agradou à categoria, mas gerou críticas de Maia e de aliados.

Aliás, a força dos ministros militares, que comandam seis pastas (de um total de 22 ministérios) também vem criando zonas de atrito com outros apoiadores do presidente. Olavo de Carvalho, “guru” de Bolsonaro, já criticou publicamente o vice-presidente, general Hamilton Mourão, a quem classificou de “charlatão desprezível”. Semanas depois, o ministro general Carlos Alberto dos Santos Cruz, da Secretaria de Governo, classificou Carvalho de desequilibrado.

Se não bastassem as dificuldades com a reforma da Previdência Social e a disputa por espaço de poder, medidas propostas pelo ministro Sérgio

Moro (Justiça e Segurança Pública) para combater a corrupção e o crime organizado também provocaram curto-circuito com a Câmara dos Deputados. Apoiado por Bolsonaro, Moro cobra pressa na discussão e quer que elas sejam votadas junto com as mudanças previdenciárias. Maia é contra e defende que as propostas anticorrupção e anticrime fiquem para o segundo semestre.

E as rusgas não se limitam ao Legislativo. Apoiadores de Bolsonaro, incluindo seus filhos e procuradores da Operação Lava Jato, criaram conflitos também com o Judiciário, especificamente com o Supremo Tribunal Federal (STF), cujos ministros sofreram críticas e acusações em redes sociais. Tal situação levou o presidente do STF, Dias Toffoli, a determinar a abertura de uma investigação para identificar os responsáveis pelo ataque ao tribunal.

POLÊMICAS E DENÚNCIAS

Logo nos primeiros dias de seu governo, Bolsonaro começou a colecionar dores de cabeça geradas pelo seu entorno, especialmente com alguns ministros (envolvidos em polêmicas e até suspeitas) e com a forte interferência de seus três filhos nos assuntos do Planalto e na estratégia das redes sociais. No caso de seu filho mais velho, o senador Flávio Bolsonaro, eleito pelo PSL, um partido conservador e de direita e que abriga também o presidente

Jair Bolsonaro, pairam também suspeitas geradas por investigações do Ministério Público no Rio de Janeiro, onde atuou como deputado estadual até o ano passado.

Logo na primeira semana de governo, causou polêmica a divulgação de um vídeo em que a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, defendia que meninos vistam azul e meninas vistam rosa. O vídeo mostra Damares, advogada e pastora evangélica, sendo aplaudida após declarar que “é uma nova era no Brasil”. A frase repercutiu nas redes sociais, com diversos memes da ministra. Outros episódios envolvendo Damares também geraram notícia, como a circulação de um vídeo de 2013 em que contesta o ensino da Teoria da Evolução nas escolas.

Indicado pelo escritor Olavo de Carvalho, o colombiano Ricardo Vélez Rodriguez, ministro da Educação, também se envolveu em diversas polêmicas nesses 100 dias de governo e foi demitido no começo de abril. Além de pedir que escolas filmassem alunos cantando o hino nacional, ele deu declarações controversas, entre elas a de que universidade não é para todos, apenas para uma “elite intelectual”.

Nos poucos meses de gestão, o Ministério da Educação entrou em crise, com troca constante dos principais quadros diretivos, que se viram em meio a uma disputa política interna fomentada pelo próprio Olavo de Carvalho. Indicado para o lugar de Vélez Rodríguez no comando do Ministério da Educação, o economista Abraham Weintraub, que era secretário-executivo da Casa Civil, é um seguidor de Carvalho e prega o combate ao “marxismo cultural” nas universidades.

Outro ministro que ganhou notícia nos jornais e repercussão nas redes sociais foi o das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, apontado como um dos expoentes da ala mais ideológica do governo, que costuma adotar declarações e posicionamentos que agradam aos apoiadores de Bolsonaro, mas que geram controvérsias no mundo diplomático e dos historiadores. Defensor de um alinhamento direto com os Estados Unidos, sob valores ocidentais e cristãos, Araújo promoveu ações de aproximação do Brasil com os EUA e Israel. Ao mesmo tempo, nos três meses à frente do Itamaraty, abriu frentes de tensão com países árabes e China. No campo das frases polêmicas, provocou críticas de historiadores no Brasil e no exterior ao afirmar que o fascismo e o nazismo foram movimentos da esquerda.

O NÚCLEO FAMILIAR: FORÇA E CONTROVÉRSIAS

Ainda no campo da polêmica, o deputado Eduardo Bolsonaro, também direitista do PSL, filho do presidente, muito ligado aos temas das relações exteriores, gerou desconforto para o governo, quando fez críticas aos brasileiros que vivem ilegalmente no exterior, durante viagem oficial aos Estados Unidos. Presidente da Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados, ele foi criticado por aliados do governo e pela comunidade brasileira que mora nos EUA, onde 81,7% dos votos para presidente da República nas eleições de 2018 foram para seu pai.

No Rio de Janeiro, o senador Flávio Bolsonaro viu o nome de um ex-assessor, Fabrício Queiroz, envolvido em transações bancárias suspeitas e investigadas pelo Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf), que identificou transferências bancárias e depósitos atípicos feitos por oito funcionários que trabalharam no gabinete de Flávio quando ele era deputado estadual. Embora Flávio alegue que não há irregularidades e que negócios feitos pelo ex-assessor justifiquem as transferências e saques, a polícia suspeita de que o dinheiro dos servidores retornaria para o senador.

Com uma forte atuação nas redes sociais, especialmente por meio do Twitter, Bolsonaro e seus filhos criaram diversos atritos, alguns deles com o Congresso Nacional e com integrantes do próprio governo. Nome importante na campanha eleitoral de 2018, Gustavo Bebianno, ex-presidente do PSL e primeiro ministro a ser demitido, perdeu o cargo na Secretaria de Governo após desavenças com Carlos Bolsonaro, visto como o principal mentor da estratégia digital e dos tuítes do governo de seu pai. Uma das críticas é de que os Bolsonaro ainda não abandonaram o tom e o discurso de campanha eleitoral, dialogando apenas com a porção do eleitorado que os apoia. Um dos episódios emblemáticos foi quando o presidente virou assunto na mídia internacional após postar, em sua conta no Twitter, cenas de conteúdo obsceno captadas em um bloco de Carnaval de rua para criticar o comportamento de foliões.

Na política externa ou na condução da comunicação do governo com a sociedade, o fato é que os primeiros três meses de governo deixaram claro que os filhos do presidente desempenham um papel ativo e presente como um dos principais grupos de influência e poder.

**“A TURBULÊNCIA
POLÍTICA,
PORÉM,
AINDA NÃO
TEVE GRANDE
IMPACTO
NO SETOR
PRODUTIVO DA
ECONOMIA”**



ECONOMIA: PRINCIPAL AGENDA POSITIVA

A turbulência política, porém, ainda não teve grande impacto no setor produtivo da economia, apesar de oscilações no comportamento da cotação do dólar e da Bolsa de Valores. Por outro lado, os investimentos no setor produtivo ainda estão em compasso de espera e na expectativa de avanços na reforma da Previdência Social. O desemprego cresceu e ainda segue elevado, com cerca de 13 milhões de pessoas à procura de trabalho.

Entre os resultados positivos na área econômica, vale destacar a primeira rodada de concessões públicas, com a transferência ao setor privado de 12 aeroportos. Arrendados por um prazo de 30 anos, a concessão dos aeroportos gerou uma receita de R\$ 2,377 bilhões (cerca de US\$ 600 milhões) em outorgas aos cofres públicos _um ágio de 98% em relação ao preço mínimo. Também foi concedido ao setor privado um importante trecho da Ferrovia Norte-Sul, considerada um dos principais projetos para escoamento da produção agrícola do país e que deve gerar investimentos de R\$ 2,7 bilhões (US\$ 700 milhões).

Além disso, no campo das notícias positivas da economia, a inflação permanece sob controle, e a taxa básica de juros é a menor dos últimos anos.

Do ponto de vista da política externa, o fato mais importante nos 100 primeiros dias de governo foi a visita de Bolsonaro aos Estados Unidos, onde teve reuniões com Donald Trump. A viagem, no entanto, rendeu poucos frutos. De concreto, foi anunciada a liberação de vistos para quatro países (EUA, Japão, Austrália e Japão), sem reciprocidade; fechou-se um acordo para os norte-americanos utilizarem a base militar de Alcântara, no Estado do Maranhão; e Trump prometeu apoio para ao Brasil entrar na OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico).

A situação da Venezuela e o apoio do Brasil a Juan Guaidó, presidente autoproclamado do país, foi outro tema de destaque na área externa, além de assunto na pauta de reuniões entre Bolsonaro

e Trump, que busca apoio para tirar Nicolás Maduro do poder. Depois de o deputado Eduardo Bolsonaro afirmar a um canal de TV chilena que o Brasil apoiará uma possível intervenção militar na Venezuela, Jair Bolsonaro desmentiu o filho.

As prisões temporárias do ex-presidente Michel Temer e do ex-ministro Moreira Franco, em março, caíram como mais um problema no mundo político e jurídico. Além de integrantes do MDB, partido de ambos, integrantes de outras legendas criticaram duramente a medida. Com isso, o cenário piorou. Até o vice-presidente, Hamilton Mourão, declarou que a prisão criou ruídos para análise da reforma da Previdência. Vale lembrar que Moreira Franco é sogro do presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia.

FADIGA

Com as incertezas sobre o andamento das reformas e sobre a capacidade de Bolsonaro de organizar sua articulação política, aumenta o grau de insegurança de parte do empresariado. Se o apoio dos seus eleitores ainda é forte, principalmente nas questões relacionadas aos costumes e à educação, Bolsonaro dá cada vez mais sinais que terá dificuldades para aprovar suas pautas no Congresso apesar de contar com a simpatia de até 240 deputados e 20 senadores, nas contas mais otimistas de seus aliados.

Para aprovar mudanças na Constituição brasileira, são necessários 308 votos favoráveis na Câmara dos Deputados e outros 49 votos no Senado. No total, são 513 deputados e 81 senadores.

Três meses depois da posse, o governo dá sinais de fadiga. Sem um rumo definido, sem uma ampla rearticulação política e sem capacidade para negociar, a agenda do Planalto corre risco. Os próximos meses serão importantes tanto para se avaliar as reais condições de avanço nas reformas estruturais propostas por Bolsonaro, que inclui ainda a simplificação do sistema tributário, quanto para se descobrir a disposição dos empresários de retirar do papel os investimentos previstos para o setor produtivo.

“Com as incertezas sobre o andamento das reformas e sobre a capacidade de Bolsonaro de organizar sua articulação política, aumenta o grau de insegurança de parte do empresariado”

Pesquisa divulgada pelo instituto Ibope, em março, mostrou queda na popularidade do presidente. Em três meses, os que aprovam Bolsonaro passaram de 67% para 51%, enquanto os que desaprovam subiram de 21% para 38%. Apesar de ainda não ser preocupante, essa perda de popularidade, apontada também em outras pesquisas, mostra como Bolsonaro terá trabalho para manter, por um pouco mais de tempo, algum clima que lembre uma “lua-de-mel” de início de governo com os brasileiros.

AUTORES



Cleber Martins é Diretor Geral no Brasil da LLYC. É jornalista e advogado, com vasta experiência no setor de comunicação no Brasil. Durante 15 anos, ocupou diferentes cargos na Folha de S. Paulo, incluindo editor de negócios e editor-adjunto de economia. Com trajetória executiva na área de comunicação corporativa, tem atuado em projetos, nacionais e internacionais, para as principais empresas do setor privado do país, na construção de reputação, prevenção e gestão de crises, inovação, treinamentos e consultoria de reputação. Formado pela USP (jornalismo e direito), também possui MBA em Informações Econômico-Financeiras e extensão em ciências políticas e relações governamentais.



Vivaldo de Sousa é jornalista, cientista político e professor universitário. Atua há mais de 30 anos no setor de comunicação. Durante 20 anos, ocupou cargos no jornal Folha de S. Paulo, incluindo a coordenação de economia na sucursal de Brasília. Teve passagens ainda pelas revistas Veja e IstoÉ, cobrindo política e economia. Atua desde 2012 na comunicação corporativa em projetos para os setores público e privado no planejamento estratégico de comunicação, treinamento e gestão de crises. Formado em jornalismo pela PUC-SP, tem mestrado em ciências políticas pela UnB, com dissertação sobre coligações eleitorais.

DIREÇÃO CORPORATIVA

José Antonio Llorente
Sócio Fundador e Presidente
jalloriente@llorenteycuenca.com

Alejandro Romero
Sócio e CEO para as Américas
aromero@llorenteycuenca.com

Enrique González
Sócio e CFO
egonzalez@llorenteycuenca.com

Adolfo Corujo
Sócio e Diretor-geral de Estratégia
acorujjo@llorenteycuenca.com

Goyo Panadero
Sócio e Diretor-geral de Talento e Inovação
gpanadero@llorenteycuenca.com

Carmen Gómez Menor
Diretora Corporativa
cgomez@llorenteycuenca.com

Juan Pablo Ocaña
Diretor Jurídico & Compliance
jpocana@llorenteycuenca.com

Daniel Fernández Trejo
Diretor de Tecnologia
dfernandez@llorenteycuenca.com

José Luis Di Girolamo
Sócio e CFO para a América Latina
jldgirolamo@llorenteycuenca.com

Antonieta Mendoza de López
Vice-presidente de Advocacy para a América Latina
amendozaalopez@llorenteycuenca.com

ESPAÑA E PORTUGAL

Arturo Pinedo
Sócio e Diretor-geral
apinedo@llorenteycuenca.com

Luisa García
Sócia e Diretora-geral
lgarcia@llorenteycuenca.com

Barcelona

María Cura
Sócia e Diretora-geral
mcura@llorenteycuenca.com

Óscar Iniesta
Sócio e Diretor Sênior
oiniesta@llorenteycuenca.com

Muntaner, 240-242, 1º-1ª
08021 Barcelona
Tel. +34 93 217 22 17

Madrid

Joan Navarro
Sócio e Vice-presidente
Relações Públicas
jnavarro@llorenteycuenca.com

Iván Pino
Sócio e Diretor Sênior Digital
ipino@llorenteycuenca.com

David G. Natal
Diretor Sênior
Consumer Engagement
dgonzalez@llorenteycuenca.com

Paco Hevia
Diretor Sênior
Comunicação Corporativa
phevia@llorenteycuenca.com

Lagasca, 88 - planta 3
28001 Madrid
Tel. +34 91 563 77 22

Lisboa

Tiago Vidal
Sócio e Diretor-geral
tvidal@llorenteycuenca.com

Avenida da Liberdade nº225, 5º Esq.
1250-142 Lisboa
Tel. + 351 21 923 97 00

ESTADOS UNIDOS

Erich de la Fuente
Sócio e Chairman
edela Fuente@llorenteycuenca.com

Mike Fernandez
CEO
mikefernandez@llorenteycuenca.com

Miami

Claudia Gioia
SPV Americas, Business
Development
cgioia@llorenteycuenca.com

600 Brickell Avenue
Suite 2020
Miami, FL 33131
Tel. +1 786 590 1000

New York

Gerard Guui
Diretor de Desenvolvimento de
Negócios Internacionais
gguiui@llorenteycuenca.com

277 Park Avenue, 39th Floor
New York, NY 10172
Tel. +1 212 371 5999 (ext. 309)

REGIÃO NORTE

Javier Rosado
Sócio e Diretor-geral Regional
jrosado@llorenteycuenca.com

México

Juan Arteaga
Diretor-geral
jarteaga@llorenteycuenca.com

Rogelio Blanco
Diretor-geral
rblanco@llorenteycuenca.com

Av. Paseo de la Reforma 412, Piso 14,
Col. Juárez, Alcaldía Cuauhtémoc
CP 06600, Cidade do México
Tel. +52 55 5257 1084

Panamá

Manuel Domínguez
Diretor-geral
mdominguez@llorenteycuenca.com

Sortis Business Tower, piso 9
Calle 57, Obarrío - Panamá
Tel. +507 206 5200

Santo Domingo

Iban Campo
Diretor-geral
icampo@llorenteycuenca.com

Av. Abraham Lincoln 1069
Torre Ejecutiva Sonora, planta 7
Tel. +1 809 6161975

San Jose

Pablo Duncan - Lynch
Sócio Diretor
CLC Comunicación | Filial LLYC
pduncan@clcglobal.cr

Del Banco General 350 metros oeste
Trejos Montealegre, Escazú
San José
Tel. +506 228 93240

REGIÃO ANDINA

Luis Miguel Peña
Sócio e Diretor-geral Regional
lmpena@llorenteycuenca.com

Bogotá

María Esteve
Sócia e Diretora-geral
mesteve@llorenteycuenca.com

Av. Calle 82 # 9-65 Piso 4
Bogotá D.C. - Colômbia
Tel. +57 1 7438000

Lima

Luis Miguel Peña
lmpena@llorenteycuenca.com

Av. Andrés Reyes 420, piso 7
San Isidro
Tel. +51 1 2229491

Quito

Carlos Llanos
Diretor-geral
cllanos@llorenteycuenca.com

Avda. 12 de Octubre N24-528 y
Cordero - Edificio World Trade
Center - Torre B - piso 11
Tel. +593 2 2565820

REGIÃO SUL

Juan Carlos Gozzer
Diretor-geral Regional
jcgozzer@llorenteycuenca.com

São Paulo e Rio de Janeiro

Cleber Martins
Diretor-geral
clebermartins@llorenteycuenca.com

Rua Oscar Freire, 379, CJ 111,
Cerqueira César SP - 01426-001
Tel. +55 11 3060 3390

Ladeira da Glória, 26
Estúdios 244 e 246 - Glória
Rio de Janeiro - RJ
Tel. +55 21 3797 6400

Buenos Aires

Mariano Vila
Diretor-geral
mvila@llorenteycuenca.com

Av. Corrientes 222, piso 8. C1043AAP
Tel. +54 11 5556 0700

Santiago

Francisco Aylwin
Presidente Conselheiro
faylwin@llorenteycuenca.com

Magdalena 140, Oficina 1801
Las Condes
Tel. +56 22 207 32 00



IDEIAS LLYC

EXPLORAR. INSPIRAR.

IDEAS é o Departamento de Liderança através do Conhecimento da LLYC.

Porque estamos testemunhando um novo modelo macroeconômico e social. E a comunicação não fica atrás. Avança.

IDEAS LLYC é uma combinação global de relacionamento e troca de conhecimentos que identifica, se concentra e transmite os novos paradigmas da comunicação a partir de uma posição independente.

Porque a realidade não é preta ou branca existe IDEAS LLYC.

llorentycuenca.com
www.revista-uno.com